

Sarney declara guerra a Collor na TV

Presidente usa tempo do PRN, rebate acusações e lembra que candidato o elogiou no passado

BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello não apareceu ontem, pela primeira vez, nos dois blocos de cinco minutos a que tem direito todos os dias no horário gratuito da propaganda eleitoral. Em seu lugar, foi ao ar o presidente José Sarney, exercendo o direito de resposta concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para que rebatesse ofensas e acusações formuladas por Collor em programas anteriores.

"Volto à televisão com amargura", começou o presidente, para reafirmar em seguida que não tem candidato à sua sucessão mas que, ao mesmo tempo, não é "polícia da consciência de ninguém". Sarney cobrou "compostura pessoal e equilíbrio emocional" do candidato do PRN e respondeu a quatro acusações apresentadas por Collor: favorecimento de candidaturas novas, corrupção, desestabilização do processo eleitoral e discriminação contra o Estado de Alagoas.

O presidente negou mais uma vez ser o único responsável pelo veto à lei 7.773, que disciplinaria a apresentação de novas candidaturas. Exibindo um exemplar do diário do Congresso Nacional, Sarney demonstrou que seu veto resultou de um acordo entre as lideranças partidárias de praticamente todos os partidos. "Eu jamais usarei a Presidência para qualquer manobra", prometeu Sarney.

Contra a denúncia de corrupção, o presidente apresentou "um doloroso balanço": 182 inquéritos na polícia federal, intervenção em 140 instituições financeiras, fechamento de muitos bancos particulares, intervenção em nove bancos estaduais e 597 pessoas com os bens pessoais bloqueados. "Tenho exercido a Presidência com austeridade, com transparência e grande sacrifício", garantiu o presidente, acrescentando: "Nunca se viu de minha parte um gesto de exibicionismo, uma demagogia".

Quanto a supostas tentativas de tumultuar as eleições, atribuídas por Collor a Sarney, o presidente rebateu: "O risco para as eleições decorre da irracionalidade política". Quanto a seu próprio papel no processo eleitoral, o presidente afirmou que deu tudo de si à transição democrática, "da paciência até o maior sofrimento". E desafiou: "Não há adversário que possa negar meu compromisso com a liberdade".

Finalmente, em resposta à denúncia de discriminação contra Alagoas, Sarney apresentou a gravação de um discurso do próprio Collor de Mello pronunciado em 12 de agosto de 87: "Alagoas, presidente Sarney, vê as suas mãos cheias de benefícios para esta terra, para este município e para o sertão das Alagoas. Somos gratos ao senhor pelas obras da hidrelétrica de Xingó. Somos gratos pela decisão que, sabemos, há no fundo do seu coração, de fazer o possível, sobretudo pelo Nordeste".

Em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio", o presidente da República também queixou-se "da brutalidade, da violência, do desatino" com que foi agredido por Collor e afirmou: "Pela primeira vez neste País, uma eleição não é acusada da interferência do poder público na coação, na fraude e na colocação dos instrumentos do poder a serviço de candidaturas".

Obrigado a ceder seu horário na TV para que o presidente Sarney exercesse seu direito de resposta, Fernando Collor de Mello mudou ontem o tom de seu discurso, ao visitar Divinópolis (MG), cidade escolhida há 35 anos por Juscelino Kubitschek para lançar sua candidatura à Presidência. Ao lado da viúva do ex-presidente, Sara Kubitschek, Collor se conteve e não mencionou nenhuma vez o nome do presidente Sarney, seu alvo principal nesta reta final de campanha.

O tom mais agressivo, usado em seu breve discurso, foi quando afirmou que não se intimida com "cara feia, violência, intolerância e ameaças, partam de ontem partirem", fazendo uma alusão à resposta de Sarney. Afirmou que recebe o "legado de Juscelino", entregue por dona Sara e que combaterá os três maiores inimigos do povo: inflação, corrupção e miséria.



Sarney e Collor em agosto de 87: troca de elogios